

Verbos polissêmicos no Português: Uma breve análise semântica

Quesler Fagundes Camargos¹
Daniela da Silva Faria²

RESUMO: O objetivo deste artigo é investigar o comportamento de alguns verbos polissêmicos no português, seguindo os pressupostos de Damasceno (2006). O trabalho se baseia na proposta teórica de decomposição dos papéis temáticos em quatro propriedades semânticas básicas, a saber: desencadeador, controle, afetado e estativo (Cançado 2003, 2005). Será utilizada também ao longo do trabalho a teoria proposta por Lakoff e Johnson (1980, 2002), sobre o processo de construção das polissemias verbais.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos; Polissemias; Propriedades semânticas.

ABSTRACT: The objective of this work is to investigate the behavior of some polissemic verbs in the spoken Portuguese language, following the assumptions of Damasceno (2006). This work is based on the theoretical proposal of the decomposition of the thematic roles into four basic semantic properties: trigger, control, affected and stative (Cançado 2003, 2005). We will also use the proposed theory by Lakoff and Johnson (1980, 2002) about the verbal polissemic construction throughout this work.

KEY-WORDS: Verbs; Polissemies; Semantic Properties.

Introdução

Este trabalho apresentará uma análise semântica de alguns verbos polissêmicos, bem como sua descrição, para mostrar as propriedades de transformação de um verbo canônico, de sentido básico, em um verbo metafórico. Para tanto, serão abordadas duas propostas relevantes para o estudo dessa construção, a saber: (i) a proposta de Cançado (2003, 2005) sobre os papéis temáticos, os quais são constituídos por um conjunto de propriedades semânticas que são atribuídas mediante o acarretamento estabelecido por toda a proposição; e também (ii) a teoria proposta por Lakoff e Johnson (1980, 2002) sobre os processos cognitivos, a qual relaciona o processo metafórico com a criação das polissemias.

Este artigo, além da introdução, está organizado da seguinte maneira: na seção 1, será apresentada a proposta de papéis temáticos de Cançado (2003, 2005), que são decompostos em quatro propriedades semânticas: desencadeador, controle, afetado e estativo; na seção 2,

¹ Mestrando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. E-mail para contato: queslerc@yahoo.com.br.

² Pós-Graduanda na Faculdade Pitágoras. E-mail para contato: danidani29@yahoo.com.br.

será introduzida a proposta de criação de metáforas nos moldes de Lakoff e Johnson (1980, 2002); na seção 3, serão oferecidos os dados que ilustram este trabalho; na seção 4, será discutida a aplicação da proposta teórica de Damasceno (2006) nos dados arrolados neste artigo; por fim, as considerações finais.

1. Propriedades semânticas dos argumentos

Em uma perspectiva gerativa, papel temático é uma das séries de restrições que um núcleo lexical comumente impõe sobre seus argumentos. De acordo com Cançado (2005), essa noção foi introduzida na literatura por Gruber (1965), Fillmore (1968) e Jackendoff (1972), que alegavam que as funções gramaticais, tais como sujeito e objeto, são insuficientes para traduzir alguns tipos de relação. A partir desses trabalhos, muitos outros foram formulados com o objetivo de apresentar uma extensa lista para classificar esses tipos de papéis temáticos. Para fins de ilustração, veja abaixo uma lista resumida por Cançado (2005).

- | | | | | |
|-----|----|-----------------|----|---------------|
| (1) | a. | agente; | g. | beneficiário; |
| | b. | causa; | h. | objetivo; |
| | c. | instrumento; | i. | locativo; |
| | d. | paciente; | j. | alvo; |
| | e. | tema; | k. | fonte. |
| | f. | experienciador; | | |

A proposta dos papéis temáticos, conforme listado acima, desencadeia inúmeros problemas, principalmente quanto à definição dada a cada papel temático. A respeito desse assunto, Cançado (2003, 2005) compara a definição de Fillmore (1968), Chafe (1970) e Halliday (1967) para o papel temático de *agente*. A autora constata que há inúmeras divergências entre as definições propostas. E, em decorrência desse fato, “corremos o risco de encontrar uma lista enorme de papéis temáticos” (Cançado 2005, p. 115). Esse é um grave problema para os estudos da linguística formal, já que seu objetivo é desonerar e simplificar a teoria gramatical.

Cançado (2003, 2005) ainda verifica que a proposta tradicional dos papéis temáticos não consegue descrever adequadamente as propriedades semânticas dos DPs; por isso, compromete a descrição gramatical. Diante dessa inconsistência, a autora, seguindo os trabalhos de Jackendoff (1972) sobre adoção de módulos sintáticos e semânticos distintos, de

Dowty (1989, 1991) sobre o uso dos acarretamentos lexicais, e de Franchi (1997) sobre a composicionalidade, propõe que os papéis temáticos devem ser decompostos em propriedades menores e que o conjunto dessas propriedades é atribuído pelo acarretamento da proposição inteira. Veja que essa proposta é inovadora na medida em que a noção de papel temático não é relacionada com o rótulo *agente*, *paciente* e *tema*, por exemplo, mas que essa noção é pautada em um conjunto de propriedades que compõem um determinado papel temático. A seguir, observe como Cançado (2003, 2005) implementa sua proposta.

De acordo com Cançado (2005, p. 26), “as relações temáticas estabelecem-se entre um verbo e seus argumentos”, de forma que o papel temático atribuído a um DP é o conjunto de propriedades semânticas, que são estabelecidas pelos acarretamentos decorrentes da proposição inteira. Para fins de ilustração, observe o exemplo de Cançado (2005, p. 26), a seguir.

(2) *João quebrou o vaso com o martelo.*

Nesse contexto, o papel temático atribuído a *João* é composto por um grupo de propriedades semânticas por meio das relações de composicionalidade e acarretamento da sentença (2). Conforme Cançado (2005), se é verdade que *João quebrou o vaso com o martelo*, é necessariamente verdade que *João* recebe as seguintes propriedades semânticas da proposição em (2):

- (3)
- tem o controle sobre o desencadeamento do processo;
 - teve a intenção de quebrar o vaso;
 - é animado;
 - usou um instrumento para realizar a ação; etc.

Contudo, se a proposta de Cançado (2003, 2005) fosse aplicada aleatoriamente como em (3), haveria um número infinito de propriedades semânticas. Assim, com o objetivo de simplificar a proposta, a autora propõe que as propriedades semânticas mais relevantes para uma descrição gramatical podem ser resumidas em quatro propriedades semânticas fundamentais e essenciais para a distinção e atribuição dos papéis temáticos, a saber:

- (4)
- a. ser desencadeador do processo (desencadeador);
 - b. ser afetado pelo processo (afetado);

- c. ser ou estar em um determinado estado (estativo);
- d. ter controle sobre o processo (controle).

Segundo Cançado (2003, 2005), as três principais propriedades semânticas são diretamente relacionadas às três grandes categorias semânticas, a saber: desencadeador se relaciona com as ações e as causações; afetado se relaciona com os processos; e estativo se relaciona com os estados. Por fim, o controle pode coexistir com as outras três propriedades.

Ser desencadeador do processo é uma propriedade que um argumento possui quando tem alguma função no desenrolar do processo. Não se pode confundir desencadeador com agente ou causa. Por exemplo, o agente, geralmente, é associado à intenção e ao controle; entretanto, apesar de essas propriedades coexistirem com o desencadeador, não são, essencialmente, associadas a ele. Veja que o desencadeador com controle tem o poder de iniciar, terminar ou interromper um determinado processo, como em (5a). Já o desencadeador sem controle não tem o poder de iniciar, terminar ou interromper o processo, ele apenas é um participante do processo, como em (5b). Exemplos:

- (5) a. **João jogou a bola.**
- b. **João quebrou o vaso com o empurrão que levou de Paulo.**

Ser afetado pelo processo é uma propriedade que um argumento assume a partir do momento em que uma proposição acarreta a sua mudança de estado A para um estado B. Exemplos:

- (6) a. **Pedro morreu.**
- b. **João quebrou o braço de Maria.**

Ser ou estar em um determinado estado é uma propriedade que um argumento possui quando, em uma determinada situação e tempo, um argumento não sofre alterações em seu estado, ou seja, suas propriedades permanecem as mesmas. Exemplos:

- (7) a. **João leu *um* livro.**
- b. **Pedro tem uma casa.**

Ter controle sobre o processo é uma propriedade que um argumento possui quando ele tem controle de começar e interromper um processo. Essa propriedade pode se associar as outras três propriedades.

- (8) a. *Maria poliu os móveis.* (desencadeador/controle)
b. *João ganhou um presente.* (afetado/controle)
c. *Pedro mora no exterior.* (estativo/controle)

Cançado (2003, 2005) propõe, portanto, que o papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que esse argumento exerce em uma determinada sentença pode ser definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento decorrente dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição a que esse argumento pertence.

Portanto, este artigo assumirá que os papéis temáticos são um conjunto de propriedades semânticas, de forma que cada DP pode possuir mais de uma propriedade sem violar o Critério- θ^3 , já que o conjunto de propriedades constitui apenas um determinado papel temático. Dois DPs distintos em uma mesma proposição também podem possuir uma ou mais propriedades semelhantes, mas precisam necessariamente possuir ao menos uma propriedade distintiva, conforme se pode ver na diferença apresentada por Cançado (2005, p. 30) entre o dois DPs em (9).

- (9) *O pai*_[+DESENC.; -AFET.] *estudou todos os filhos*_[+DESENC.; +AFET.] *até a faculdade.*

2. Metáforas

Cançado (2005) afirma que as principais propostas teóricas da semântica cognitiva assumem que o significado é construído a partir das estruturas conceituais convencionalizadas, de forma que as categorias mentais estipuladas na mente do falante são geradas a partir de sua experiência no mundo. Para as correntes teóricas em vigor, o fato de existir palavras polissêmicas comprova que uma mesma palavra pode ser utilizada em diferentes contextos de uso, ou seja, diferentes significados já que de certo modo formam uma categoria dentro do sistema conceitual.

³ De acordo com Raposo (1992), para que o critério- θ seja respeitado, duas condições precisam ser satisfeitas, a saber: (i) cada argumento numa representação sintática é suporte de uma e uma só função- θ ; (ii) cada função- θ numa estrutura argumental é atribuída a um e só um argumento numa representação sintática.

Cançado (2005) ainda ressalta que os cognitivistas assumem que as metáforas não se realizam aleatoriamente e indistintamente, ou seja, elas possuem propriedades sistemáticas que não são anomalias idiossincráticas. Essas características são decompostas em quatro tipos, a saber:

- (10) a. convencionalidade;
- b. sistematicidade;
- c. assimetria;
- d. abstração.

A primeira característica, chamada de *convencionalidade*, diz respeito ao fato de que, independente, por exemplo, da cristalização das expressões idiomáticas, as metáforas podem ser renovadas de forma que sejam estruturadas metaforicamente.

A segunda característica, chamada de *sistematicidade*, estipula que, quando uma determinada expressão é utilizada metaforicamente, há uma associação entre os conceitos do mesmo campo semântico do alvo e da fonte. Ou seja, na metáfora *a vida é uma viagem*, muitos conceitos que envolvem situações de *viagem* são transportados para os conceitos que envolvem *a vida*.

A terceira característica, chamada de *assimetria*, estabelece que todas as criações de metáforas ocorrem em uma direção única. Ou seja, na metáfora *a vida é uma viagem*, as comparações são estruturadas da viagem para a vida, o oposto não é verdade.

Por fim, a quarta e última característica, chamada de *abstração*, demonstra que, na formação das metáforas, a estruturação se realiza de uma fonte mais concreta para um alvo mais abstrato.

Como dito, as propostas teóricas cognitivistas, conforme Cançado (2005), defendem que as metáforas partem de um mundo concreto para um mundo mais abstrato. Essa proposta defende que os processos concretos expliquem os processos mais abstratos. Para tanto, os cognitivistas propõem a existência de dois esquemas de imagens, a saber: o esquema de recipiente e o esquema da trajetória (Cançado 2003, 2005). Observe os exemplos abaixo que ilustram o esquema de recipiente.

- (11) a. *Pedro demorou **sair** desse vício, quase que ele morreu.*
- b. *João só **fica** nessa ideia.*

Agora, observe os exemplos abaixo que ilustram o esquema de trajetória:

- (12) a. *Finalmente, você **chegou** onde eu queria.*
b. *A minha vida **chegou** ao fim.*

Cançado (2003, 2005) propõe que esses esquemas de imagem e trajetória são fundamentais para a criação de polissemias, uma vez que as polissemias fazem parte do processo de desenvolvimento das metáforas. Por exemplo, entenda o caso do verbo *sair* em (13a): o sujeito *ele* possui o sentido simples de estar em um determinado espaço e se deslocar para fora dele. Todavia, em composicionalidade com os argumentos, algumas metáforas podem se instaurar, como pode ser visto nas sentenças em (13b) e (13c).

- (13) a. *Ele saiu da sala de aula.*
b. *Ele se saiu mal no exame final.*
c. *João saiu do assunto quando se sentiu pressionado.*

Pode-se notar no exemplo (13b) que o verbo *sair* adquire o sentido metafórico de *obter êxito em algo*. Isso pode ser verificado abaixo, onde a sentença foi reescrita da seguinte forma:

- (14) *Ele não **obteve êxito** no exame final.*

Já, no exemplo (13c), percebe-se que o mesmo verbo *sair* adquire outro sentido metafórico, o de *afastar-se de, desviar-se de*. Por isso, a sentença pode ser reescrita conforme o exemplo a seguir:

- (15) *João **desviou-se** do assunto quando se sentiu pressionado.*

Portanto, a análise das metáforas conceptuais mostra que, para que os fenômenos mais abstratos sejam conceptualizados, é necessário que parta dos modelos do mundo concreto; ou seja, é atestável a existência de um esquema de imagem e de trajetória na medida em que esses esquemas revelam a existência de um protótipo central, de onde originam as várias expressões linguísticas.

3. Apresentação dos dados

Nesta seção, serão vistos os exemplos que demonstram o processo de criação de polissemias por meio das metáforas. Primeiramente, será apresentado o sentido básico dos verbos e sua rede temática. Depois, serão mostrados todos os sentidos encontrados juntamente com suas redes temáticas específicas. De modo geral, esses dados fazem parte de um *corpus* que foi inicialmente criado a partir de entradas lexicais em dicionários de língua portuguesa. Em um segundo momento, fizemos uma busca do uso desses verbos em textos impressos e disponíveis na *internet*. Ademais, todos os sentidos aqui apresentados passaram pelo crivo dos autores.

VERBO ACABAR

(16) Acabar = Terminar

Acabar: {afetado}

As folhas acabaram.

(17) Acabar = Atrapalhar

Acabar: {desencadeador (controle), afetado}

Ele acabou com a vida do irmão.

(18) Acabar = Vencer

Acabar: {desencadeador/controle, afetado}

João acabou com o adversário.

(19) Acabar = Terminar

Acabar: {estativo/obj. ref., estativo/alvo}

A rua acaba na esquina.

(20) Acabar = Ter como desfecho

Acabar: {estativo/obj. ref., estativo/alvo}

Conseguimos fazer com que aquele nervosismo acabasse em loucura.

- (21) Acabar = Desmanchar
Acabar: {desencadeador/controlado, estativo/obj. ref.}
Ele acabou com o noivado.
- (22) Acabar = Extinguir-se
Acabar: {afetado}
A luz do sol acabava-se.
- (23) Acabar = Envelhecer
Acabar: {afetado}
Maria se acabou em pouco tempo, depois da morte do marido.
- (24) Acabar = Comer
Acabar: {desencadeador/controlado, afetado}
Ele acabou a sobremesa e saiu.
- (25) Acabar = Concluir a tarefa
Acabar: {desencadeador/controlado, estativo/obj. ref.}
Professora, acabei os exercícios.
- (26) Acabar = Matar
Acabar: {desencadeador/controlado, afetado}
Vou acabar com sua raça!
- (27) Acabar = Cansar exaustivamente
Acabar: {afetado/controlado}
Acabei-me de tanto estudar.

VERBO CORRER

- (28) Correr = Deslocar-se
Correr: {Afetado/controlado}
João correu rapidamente.

- (29) Correr = [modo] Rápido
Correr: {desencadeador/controlado}
Eu tomei banho correndo para chegar a tempo.
- (30) Correr = Minar
Correr: {estativo/obj. ref., estativo/locativo}
Uma gota de suor correu-me pela testa.
- (31) Correr = Fugir
Correr: {desencadeador/controlado, estativo/alvo}
Para onde eu correria?
- (32) Correr = Abrigar-se
Correr: {desencadeador/controlado, estativo/locativo}
O filho correu para os braços do pai.
- (33) Correr = Desaguar
Correr: {afetado}
O rio corre furiosamente.
- (34) Correr = Passar o tempo
Correr: {estativo/obj. ref.}
O ano corria legal.
- (35) Correr = Sentir
Correr: {estativo/obj. ref., estativo/locativo}
No meio do serviço um arrepiado corria-lhe no espinhaço.
- (36) Correr = Ler rapidamente
Correr: {desencadeador/controlado, estativo/obj. ref.}
Ele correu os olhos no livro.

- (37) Correr = Falar no escuro
Correr: {estativo/ obj. ref., estativo/locativo}
Está correndo por aí uma fofoca sobre você.

VERBO DESTRUIR

- (38) Destruir = Fazer não mais existir
Destruir: {desencadeador/controlado, afetado}
Maria destruiu os jornais.
- (39) Destruir = Acabar
Destruir: {desencadeador (controlado), estativo/obj. ref.}
Você destruiu os meus sonhos.
- (40) Destruir = Diminuir
Destruir: {desencadeador (controlado), estativo/obj. ref.}
A professora não tem o direito de destruir a autoestima do aluno.
- (41) Destruir = fazer se sentir mal
Destruir: {desencadeador (controlado), afetado}
Ele me destruiu por inteiro.
- (42) Destruir = Corroer por dentro
Destruir: {desencadeador, afetado (controlado)}
O vício do cigarro destruiu este homem.

VERBO ENSINAR

- (43) Ensinar = Fazer o outro aprender
Ensinar: {desencadeador/controlado, afetado/controlado}
O professor ensinou o aluno.
- (44) Ensinar = Destruir
Ensinar: {desencadeador/controlado, afetado}

Vou ensinar a ele a nunca mais mexer comigo.

- (45) Ensinar = Ensinar a comportar-se
Ensinar: {desencadeador/controle, afetado (controle)}
Os pais devem ensinar as crianças como se comportar.

- (46) Ensinar = Mostrar
Ensinar: {desencadeador/controle, afetado (controle)}
Eu lhe ensinarei como achar o tesouro escondido.

VERBO GANHAR

- (47) Ganhar = Receber
Ganhar: {afetado/controle, estativo}
João ganhou uma bicicleta.
- (48) Ganhar = Dar-se bem
Ganhar: {afetado (controle), estativo/obj. ref.}
Ele começou a ganhar a vida com seu trabalho.
- (49) Ganhar = Crescer
Ganhar: {estativo/obj. ref.}
A discussão ganhou ainda mais força quando João gritou.
- (50) Ganhar = Vencer
Ganhar: {desencadeador/controle, estativo/obj. ref.}
Ele ganhou a discussão no grito.
- (51) Ganhar = Receber um prêmio
Ganhar: {afetado (controle), estativo/obj ref.}
Fernando ganhou na loteria.
- (52) Ganhar = Tornar-se
Ganhar: {afetado, estativo/ obj. ref.}
Eles ganharam o desprezo da sociedade.

- (53) Ganhar = Obter
Ganhar: {afetado (controle), estativo/obj. ref.}
Com esta atitude, ele ganhou mais tempo.

4. Aplicação da proposta teórica de Damasceno

Nesta seção, será analisada a aplicação da proposta teórica de Damasceno (2006) aos dados apresentados na seção anterior. De acordo com a autora, a existência de polissemias está condicionada ao processo cognitivo de criação de metáforas, e não está submetido simplesmente a uma organização do léxico.

Nota-se que essa proposta ganha destaque na medida em que o léxico é desonerado. Ou seja, as polissemias são geradas por meio de processos cognitivos e o léxico é composto pelo seu sentido básico. A partir desse sentido canônico, que se estipula ser a fonte, é que os outros sentidos metafóricos, chamados de alvo, são construídos. Um ponto ainda relevante é o fato de que as alterações de significado nesse processo dependem exclusivamente da composição do verbo com seus argumentos. É o que se pode depreender dos exemplos arrolados na seção anterior e repetidos a seguir.

- (54) a. *As folhas acabaram.*
(Acabar = Terminar)
- b. *João acabou com o adversário.*
(Acabar = Vencer)
- c. *Ele acabou com o noivado.*
(Acabar = Desmanchar)

Observa-se que o verbo *acabar*, em (54), tem o seu sentido básico em (a) alterado para os sentidos polissêmicos em (b) e (c). No exemplo em (a), o sentido básico do verbo *acabar* é *terminar* (*deixar de existir*) ou *finalizar*. Contudo, após a realização do processo cognitivo de criação de metáforas (que culminará na formação dos verbos polissêmicos), constroem-se os sentidos de *vencer* ou *superar* (em b) e *desmanchar* ou *romper* (em c). Ou seja, por causa da composicionalidade do verbo *acabar* com seus argumentos, o sentido básico do verbo altera-se para um sentido mais abstrato.

Conseqüentemente, nota-se também que o conceito mais canônico, ou seja, o conceito da fonte relaciona-se ao sentido mais físico, concreto e de movimento. Dessa forma, existe uma tendência na língua, em que a metáfora usa uma fonte mais concreta para descrever um alvo mais abstrato. Damasceno (2006) afirma que as experiências são construídas no mundo físico e, por isso, é mais fácil transferir as propriedades do campo material para o abstrato do que o inverso.

Pode-se observar que tal hipótese se destaca, porque, de acordo com os dados arrolados na seção anterior e os pressupostos teóricos de Damasceno (2006), é possível que seja verificado que verbos que denotam movimento e ação geram mais metáforas do que verbos mais abstratos (os psicológicos e os estativos, por exemplo). Ou seja, parece existir uma direção única para a criação das metáforas, a saber: do mais concreto para o mais abstrato, o oposto não é possível.

Damasceno (2006) também propõe que o processo cognitivo de criação de polissemias está em uma relação direta com a rede temática dos verbos. Em geral, já que o caminho de criação das metáforas segue do mais concreto para o mais abstrato, é necessariamente verdade que, por exemplo, existe maior ocorrência da propriedade semântica de desencadeador no sentido básico e a impossibilidade de verbos que possuem um argumento experienciador não poderem produzir metáforas ou ter baixa produção.

Verifica-se, nos exemplos em (55), que o verbo *acompanhar* tem o seu sentido básico em (a) alterado para os sentidos polissêmicos nos exemplos de (b) a (e).

- (55) a. *A mãe acompanha a filha até a escola.*
(Acompanhar = Conduzir)
- b. *A filha acompanha a mãe ao shopping.*
(Acompanhar = Fazer companhia)
- c. *Minha esposa acompanha a novela das 7.*
(Acompanhar = Observar atentamente)
- d. *A fé em Deus me acompanha todos os dias.*
(Acompanhar = Acreditar)
- e. *O Real não acompanha o Dólar há muitos anos.*
(Acompanhar = Seguir)

Nos exemplos acima, vê-se que, em (a), o sentido básico do verbo *acompanhar* é *conduzir*. Contudo, após a realização do processo cognitivo de criação de metáforas,

constroem-se os sentidos de *fazer companhia* (em b), *observar atentamente* (em c), *acreditar* (em d) e *seguir* (em e). Em termos de papel temático, observa-se que, em (55), a construção de metáfora ocorre a partir do desencadeador, chegando às propriedades semânticas de experienciador, afetado ou estativo. Ou seja, em (a), o sujeito é desencadeador com controle; em (b), o sujeito é afetado; em (c), o sujeito é experienciador com controle; em (d), o sujeito é experienciador; e, em (e), o sujeito é estativo.

Por sua vez, o verbo *amar*, em (56), retirado de Cançado (2005), por ter um sujeito experienciador, não tem a mesma capacidade de produzir metáforas como ocorre com o verbo *acompanhar*, em (55). Vejamos:

- (56) a. *Pedro ama Maria.*
b. *Ela ama chocolate branco.*
c. *O professor ama seus alunos.*
d. *Fernanda ama matemática.*

Podemos notar nos exemplos acima que o verbo *amar*, por ter um sentido canônico mais abstrato e ter um sujeito com a propriedade semântica de experienciador, é incapaz de gerar polissemias. Exemplos como esse reafirmam a hipótese de Damasceno (2006), segundo a qual o caminho de criação das metáforas segue do mais concreto para o mais abstrato, como em (55). Ou seja, existe maior ocorrência da propriedade semântica de desencadeador no sentido básico por um lado, e a impossibilidade de verbos que possuem um argumento experienciador não poderem produzir metáforas, como em (56), por outro lado.

Nesse processo, segundo Damasceno (2006), quando o verbo é utilizado metaforicamente, o desencadeador desaparece. Segundo a autora, os verbos de causação e de movimento possuem normalmente um argumento com a propriedade de desencadeador, uma vez que tal papel temático é típico de verbos de ação. Quando esses verbos são utilizados metaforicamente, eles tendem a se afastar do sentido mais concreto e aproximar-se do mais abstrato, conforme os exemplos na seção anterior. Geralmente, o desencadeador desaparece e dá lugar a um afetado ou um estativo. É interessante o fato de que o contrário não ocorre. Ou seja, até o presente momento, não foram encontrados casos em que um verbo, que tipicamente atribua propriedades de afetado e estativo, passe a atribuir papel de desencadeador, quando é utilizado metaforicamente.

Mais uma vez, nota-se a provável incoerência em se propor que um verbo abstrato possa ser usado concretamente através das metáforas. Com essas considerações, Damasceno

(2006) conclui que os verbos que possuem na grade temática um afetado, estativo e experienciador apresentam uma pequena ocorrência de metáforas, assim uma baixa produção de polissemias.

Considerações finais

Pode-se concluir que, de acordo com os exemplos arrolados neste trabalho, a existência de polissemias está intimamente ligada à criação das metáforas. Em outras palavras, os verbos mais concretos, que possuem um sentido mais canônico, quando são usados metaforicamente, adquirem um sentido mais abstrato. Constata-se também que os verbos mais polissêmicos possuem como característica o sentido básico mais físico. Em contraponto, os verbos menos polissêmicos possuem o sentido canônico mais abstrato.

Em termos de papéis temáticos, os verbos que possuem em sua grade temática um desencadeador têm uma grande ocorrência de polissemias. Já os verbos que possuem na grade temática um afetado, estativo ou experienciador possuem uma baixa criação das metáforas. Nessa relação, verifica-se que existe uma direção na construção das metáforas, em que a criação delas parece seguir uma hierarquia do desencadeador para o afetado, experienciador e estativo. Ao passo que as metáforas vão se criando, a propriedade de desencadeador deixa de ocorrer e a propriedade de afetado, experienciador e estativo manifesta-se. Lembrando-se que o oposto não ocorre.

Bibliografia

CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. *DELTA*, 21, São Paulo, v.1, p. 23-56, 2005.

CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MULLER, A. L.; NEGRÃO, E. FOLTRAN, M. J. *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

CHAFE, W. *Meaning and the structure of language*. Chicago: Chicago University Press, 1970.

DAMASCENOS, M. A. *Verbos polissêmicos: propriedades semânticas e processos metafóricos*. 2006. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

DOWTY, D. R. On the content of the notion of thematic role. In: CHIERQUIA; PARTEE (Eds.). *Properties, types and meaning*. Studies in linguistic and philosophy 2. Dordrecht: Kluwer, p. 69-129, 1989. (Semantics Issues).

DOWTY, D. R. Thematics proto-roles and argument selection. In: *Language*, v. 67, p. 547-619, 1991.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968. p. 1-88.

FRANCHI, C. Predicação (1997). Manuscrito publicado em CANÇADO, M. (Org.) Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: anotações de Carlos Franchi. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 17-81, Jul/Dez. 2003.

GRUBER, J. *Lexical structures in syntax and semantics*. North-Holland Linguistic Series, v. 25. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1965.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics*, v. 2 e v. 3, 1967.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Traduzido por Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago Press, 1980.

RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Ed. Caminho, 1992.

Enviado para publicação em maio de 2011.

Aceito para publicação em novembro de 2011.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.